

Entrevista com Peter Pál Pelbart¹

Peter Pál Pelbart é professor titular no Departamento de Filosofia e no Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Dedicou seus estudos à Filosofia Contemporânea com ênfase nas áreas de biopolítica, subjetividade, loucura, assim como das obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Em relação ao último, traduziu para o português *Conversações, Crítica e Clínica* e parte de *Mil Platôs*. Autor dos livros *O tempo não-reconciliado*, *Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e Desrazão*, *A Nau do tempo-rei*, *A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea* e *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. Integra a Cia Teatral Ueinz.

Ensaios Filosóficos: Professor, gostaríamos de expressar nossa felicidade por conceder esta entrevista. O senhor poderia falar sobre sua trajetória acadêmica e de vida.

Peter Pál Pelbart: Eu nasci em Budapeste, na Hungria, em 1956. Nesse ano houve uma revolução ou contra revolução, dependendo do ponto de vista, uma espécie de abertura democrática que tentou, como a Primavera de Praga, mais tarde, produzir um socialismo democrático, digamos assim. A União Soviética resolveu intervir militarmente, e meus pais que estavam envolvidos nessa movimentação democrática tiveram que fugir. Isso ainda em 1956. Depois de várias tentativas de visto pelo mundo, dois anos depois chegamos ao Brasil, então eu sou brasileiro, minha condição de estrangeiro é muito ínfima, ainda assim, muito mais tarde já adulto, eu passei alguns anos fora do Brasil. Minha formação em filosofia foi em Paris, na Sorbonne, onde eu tive uma espécie de aprendizado mais clássico da filosofia. No entanto, naqueles anos, ainda estavam ativos professores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Michel Serres, Françoise Lyotard, todo um grupo de filósofos que tinham absorvido uma certa energia sintônica com maio de 1968. Então, eu consegui acompanhar essas coisas, muito esquizofrenicamente, uma formação clássica, ao mesmo tempo esses malditos da filosofia, muito heterodoxos, que repensavam o papel da filosofia, o sentido da filosofia, as possibilidades da filosofia, etc, então foi através dessa dupla formação que eu voltei ao Brasil, fiz mestrado e

¹ Contribui com esta entrevista Ádamo Veiga.

doutorado, comecei a dar aula na PUC- SP e onde estou até o dia de hoje com esse interesse mais focado na filosofia francesa contemporânea.

Ensaios Filosóficos: O senhor coordena a Cia Teatral Ueinz, com pacientes do hospital-dia A Casa. O senhor poderia falar um pouco sobre em que medida operar novos agenciamentos micropolíticos através da esquizocenia impacta a construção de subjetividades?

Peter Pál Pelbart: Primeiro vamos fazer uma pequena correção. Essa Cia nasceu há 22 anos dentro do hospital-dia, de fato. No entanto, alguns anos depois a Cia se desligou do hospital-dia. Então, já faz 15 anos que ela não tem nada a ver com o hospital-dia, é uma Cia independente tanto do ponto de vista jurídico, estético, financeiro, clínico... A trajetória dela desde então, claro, tem como componente principal uma certa relação com os ditos esquizos, por isso chamamos de esquizocenia, que é de fato um projeto que trabalha nessa fronteira entre loucura, desrazão, e todas as rupturas subjetivas. Esse espaço cênico que a gente criou tem uma singularidade muito grande porque ao mesmo tempo faz um tipo de trabalho entre o teatro, a performance e, eu chamaria, de uma experimentação coletiva vital que não obedece a gênero algum. Críticos ou amigos que tiveram algum contato com a Cia não sabem dizer se isso realmente é teatro, performance ou se é um experimento micropolítico ou até biopolítico, e obviamente, a matéria prima com a qual a gente trabalha é de fato essa subjetividade mais limítrofe onde ouve-se outras vozes, outros gestos, onde há outra temporalidade, onde se constrói um campo mais polifônico e, bom, vida e arte se misturam, se confundem, então nosso projeto continua vivo e reverteu uma desqualificação do dito doente, que em geral se diz que o louco é incapaz, impotente, está excluído do circuito do trabalho, das artes, da linguagem. No nosso dispositivo teatral é o contrário que acontece. Eles ganham uma potência cênica e ativam rupturas de linguagem que estão muito próximas de certos desafios da própria arte contemporânea.

Ensaios Filosóficos: O mundo hoje tem sido palco da ascensão de ideias que acachapam as diferenças. No Brasil, temos visto uma aliança de interesses de variadas instâncias de poder (midiáticas, políticas, jurídicas) que tensionam não só a validação de projetos de demandas populares, mas também a própria noção de democracia. O senhor poderia nos dizer como enxerga o cenário vindouro e quais relações teriam com a

captura de desejos pelo aparelho de Estado capitalista e se o pensamento nômade poderia servir como linha de fuga?

Peter Pál Pelbart: De fato, o contexto brasileiro atual ressuscitou o pior da história do Brasil. Como se ressurgisse no fundo do nosso repertório cultural, político, econômico, o pior da mentalidade colonial, escravocrata, das práticas de exploração capitalista, com todo o repertório do fascismo, de genocídio indígena. Agora, a questão é esse conluio que é militar, político, econômico, midiático e pensar qual a margem de manobra que nos resta para por um lado resistir aos vários ataques massivos que se anunciam, por outro construir dispositivos, agenciamentos, articulações de criação de novas possibilidades. Não basta resistir - o que é necessário e indispensável-, mas é preciso forçar a imaginação política para inventar modalidades novas de resistência social, ambas as coisas são problemas. Como se articular uma resistência que não necessariamente passe pelos partidos tradicionais, pelo sindicalismo já envelhecido, pelas instituições - elas mesmas já perderam sua credibilidade e sua força-, e por outro lado, como inventar de fato uma nova gramática política, uma nova sociabilidade. Então, apesar desse tsunami político, é óbvio que o Brasil é realmente um país onde há uma diversidade muito grande de experimentações micropolíticas, sobretudo no campo das artes, das sociabilidades, de modos de produção de linguagem, de signos, de afetos. Em qualquer cidade do Brasil você vê movimentos, por menores que sejam, de afetação. Mas isso tudo, isolado, não tem a força, obviamente, pra se contrapor ao que vem vindo. Seria preciso pensar como se transversaliza, como essas redes podem, elas mesmas, ressoarem entre si e constituírem um movimento mais potente. Então, é um desafio político que nenhum intelectual pode responder porque não está nas mãos deles e nem nas próprias pessoas que estão nesse movimento, pensando movimentos de negros, de transexuais, de lésbicas, de estudantes e periferia; movimentos musicais, fora do circuito mais comercial; tipos de iniciativas nômades que ainda não alcançaram esse limiar de conexão entre si, onde elas possam também transpor o nível macropolítico. É uma questão: como que a macropolítica e a micropolítica se compõem num momento desse? Não basta ficar recluso na micropolítica, mas não basta investir apenas na macropolítica, é preciso reinventar essa relação.

Ensaios Filosóficos: Em 1985, em uma entrevista a Antoine Dulaure e Claire Parnet, Deleuze afirma que “a verdade é da ordem da produção de existência”, afirmação esta

que reflete um deslocamento geral, na obra do autor, da noção tradicional de verdade como revelação ou descoberta para um posicionamento da verdade enquanto criação; como podemos entender esse deslocamento hoje à luz das novas estratégias da direita reacionária, reunidas sobre a rubrica, precisa ou não, de “pós-verdade”?

Peter Pál Pelbart: Esse é um tema bem complexo, porque uma coisa é colocar em cheque como, desde Nietzsche isso foi feito, o lugar da verdade, a obsessão com a verdade, com a veneração da verdade, que num certo momento poderia ser religiosa, depois filosófica, depois científica, então isso é uma coisa, uma certa tradição filosófica que vem de Nietzsche e chega a Foucault e a Deleuze, e outra coisa totalmente diferente é essa relativização absoluta que serve apenas a um cinismo e a um negacionismo. Negacionismo histórico, por exemplo, em relação a todo tipo de memória. Então, essa é uma diferença que deveríamos aprofundar. O que significa entender que a verdade, pegando Foucault, por exemplo, não é que não exista a verdade, mas existe um jogo de verdade e cada época tem seu jogo que é construído socialmente e historicamente, portanto não é que vale qualquer coisa, mas a cada momento, certas regras respeitadas ou legitimadas. E outra coisa completamente diferente é em que medida, numa espécie de vale tudo e qualquer coisa, se opera uma total desvalorização ou desqualificação ou até mesmo, digamos, uma destruição da própria linguagem, como é quando o poder econômico, midiático, se torna dono da linguagem, e portanto faz com ela o que ele quiser e assim submete multidões numa espécie de manipulação em vista do seu próprio interesse, aí a gente está num regime em que qualquer discussão se torna completamente inútil porque importa precisamente quem manda.

Ensaios Filosóficos: O senhor compõem a n-1 edições que publica livros dedicados a questões contemporâneas, percorrendo filosofia, política, artes. Tendo em vista esse compromisso editorial que visa à multiplicidade tanto em temáticas quanto em abordagens e relacionando à sua trajetória pessoal que perpassa os campos acadêmico, estético, político, o senhor diria que o filósofo deve estar imbuído de um caráter ativista?

Peter Pál Pelbart: Claro! Eu definiria nossa atividade nessa editora como uma guerrilha editorial. Ainda vejo os livros como instrumentos, ou armas, de combate, de embate, como ferramentas de problematização, de deslocamento das questões, que tem um

efeito imponderável, ou seja, a gente não sabe o que pode um livro ainda, a capacidade de um texto de se compor com lutas concretas, com embates do presente e de redesenhar nossa imaginação política, cultural, afetiva, amorosa é sempre, a meu ver, totalmente válida. A n-1 é um projeto de intervenção na cultura, no pensamento, nas várias áreas que a gente aborda e por isso nós não somos porta vozes de uma doutrina, muito menos de uma ideologia, daí também o caráter múltiplo das nossas publicações, que às vezes discordam entre si totalmente, pra nós também é um problema. Cada livro traz uma perspectiva singular sobre uma questão que trata de deslocar nosso pensamento a respeito, então, é óbvio que pra isso aconteça uma certa originalidade de conteúdo, uma certa força de teorização. Também tem o caráter plástico, estético na própria produção do livro que tem também o seu efeito sensível. Eu pego um livro e posso só achar que ele é conteúdo, mas ele também tem uma materialidade; tem um conceito na produção do livro, na maneira de eu, através de uma certa capa ou cor, ser transportado para um plano de afetação, isso tudo compõe questões estas que, no momento de uma certa uniformização do pensamento, de homogeneidade, de consenso, é de fato o fator de desvio, deslocamento.

Ensaio Filosóficos: Estamos vivendo uma era de esgotamentos: o que aguardar, como lidar? Como o senhor pensa os limites filosófico-políticos para o qual estamos sendo empurrados?

Peter Pál Pelbart: Por pior que seja o que vem vindo, que é uma tentativa de restauração do mais arcaico, do mais conservador, do mais elitista, também do mais fascista, por pior que seja isto, a gente pode dizer que muita coisa se escancarou. Ou seja, a direita, a mais sinistra, saiu do armário, e sem pudor algum disse a que veio. Infelizmente, uma certa esquerda, muito encrespada, cristalizada em suas formas, talvez já adultas, está paralisada. Talvez com isso a gente perceba que algo de fato se esgotou no nosso horizonte político, algo já não funciona mais, algo já não dá conta do que poderia ser nosso desejo, nossas aspirações, nossas possibilidades. E, portanto, a partir desse esgotamento, é possível, ou provável, que surja um desenho outro do que é possível, ou do que é uma revolta, ou uma mudança ou uma transvaloração, como diria Nietzsche. A meu ver agora, a partir desse esgotamento que simplesmente se substitui o que se tinha por outra coisa, mas que realmente dirá as consequências de que algo se quebrou, se espatifou, por assim dizer; então é se reinventar, num certo sentido

reinventar tudo. O desafio é não ficar na melancolia, nem na depressão. Segundo, não ficar apenas na reatividade ou no ressentimento, politicamente falando e apenas acusar, se indignar e, portanto, aproveitar o rescaldo desse tsunami, cartografar minimamente as linhas de força reais, presentes, que poderiam reconfigurar as nossas possibilidades. Parece um pouco vago o que estou falando, mas a meu ver isso é de uma grande concretude. Essa cartografia do presente, das linhas que compõem numa direção mais libertária e mais da ordem do desejo do que da ordem da capitalização, nos obriga a um passo inusitado e talvez seja disso que a gente esteja precisando.